



ISSN 1984-5634

DOSSIÊ

PARA ALÉM DA ECONOMIA: O EFEITO METÁSTASE NAS CRISES DO CAPITALISMO

Beyond the Economy: The Metastasis Effect on the Crises of Capitalism

Resenha de: FRASER, Nancy. *Capitalismo canibal: como nosso sistema está devorando a democracia, o cuidado e o planeta e o que podemos fazer a respeito disso*. Tradução de Aline Scátola. São Paulo: Autonomia Literária, 2024.

INGRID VALE¹

LUIZ ANTONIO FERREIRA²

SILAS TIBÉRIO PEREIRA LINHARES³

LUCAS MATHEUS DA SILVA⁴

RESUMO

Esta resenha tem como finalidade discutir a obra *Capitalismo Canibal: como nosso sistema está devorando a nossa democracia, o cuidado e o planeta e o que podemos fazer a respeito disso*, de Nancy Fraser, a partir de uma abordagem crítica. O foco central da análise reside na compreensão do conceito de capitalismo dentro da teoria crítica e em como esse sistema destrói suas próprias bases ao esgotar os recursos naturais, políticos e sociais necessários à sua manutenção e reprodução. A resenha é estruturada em diálogo com outros trabalhos de Fraser, com ênfase na atualização da Teoria Marxista proposta pela autora.

PALAVRAS-CHAVE: Capitalismo; teoria crítica; Nancy Fraser.

ABSTRACT

This review aims to discuss the book *Cannibal Capitalism: How Our System Is Devouring Democracy, Care, and the Planet and What We Can Do About It* by Nancy Fraser from a critical perspective. The central focus of the analysis lies in understanding the concept of capitalism within critical theory and examining how this system undermines its own foundations by depleting the natural, political, and social resources essential for its maintenance and reproduction. The review is structured in dialogue with other works by Fraser, emphasizing the author's contribution to updating Marxist theory.

KEYWORDS: Capitalism; critical theory; Nancy Fraser.

GERÊNCIA EDITORIAL:

Bruna Cristina Oliveira Pupe
Pedro Haas Zanotto

SUBMETIDO: 03/02/2025

ACEITO: 01/04/2025

COMO CITAR:

VALE, I.; FERREIRA, L. A.;
LINHARES, S. T. P.; SILVA, L.
M. Para além da economia:
o efeito metástase nas crises
do capitalismo. *Aedos*, Porto
Alegre, v.17, n.40, p.197-204, jan.–
jun., 2025.

<https://seer.ufrgs.br/aedos/>

1 Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Segurança Internacional do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília (GEPSI/UnB). ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0008-8024-3067>. E-mail: ingrid.vale.072@ufrn.edu.br

2 Doutorando em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), pesquisador do Laboratório de Pesquisas sobre Interseccionalidades e Saúde (LIS/UFRN) e do Grupo de Pesquisa Informação, Cultura e Práticas Sociais (BITS/UERN). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1227-6050>. E-mail: antonioaluis094@gmail.com

3 Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), pesquisador do Laboratório de Pesquisas sobre Interseccionalidades e Saúde (LIS/UFRN). ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-0107-5964>. E-mail: silas.tiberio@hotmail.com

4 Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), pesquisador do Laboratório de Pesquisas sobre Interseccionalidades e Saúde (LIS/UFRN). ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-8699-4938> E-mail: lucas.matheus.018@ufrn.edu.br

Capitalismo Canibal: Como nosso sistema está devorando a democracia, o cuidado e o planeta e o que podemos fazer a respeito disso, publicado em 2024 pela editora Autonomia Literária, é a primeira edição brasileira, com tradução de Aline Scátola, da obra *Cannibal Capitalism: How our System is Devouring Democracy, Care, and the Planet and What We Can Do About It*, pela Verso Books, de Nancy Fraser (autora estadunidense nascida em 1947 e em plena atividade político-intelectual). A obra resulta de mais de 30 anos de reflexões de Nancy Fraser na produção da teoria crítica, iniciando-se com *Unruly Practices: Power, Discourse, and Gender in Contemporary Social Theory* (1989), e, mais recentemente, com *Capitalism: A Conversation in Critical Theory* (2018), em coautoria com Rahel Jaeggi.

Após décadas de relativa ausência fora do círculo marxista, o capitalismo retoma ao centro das discussões acadêmicas, políticas e sociais. Este retorno é interpretado por Fraser como um indicador da “crise geral cujos efeitos se espalham em metástase por todos os lados” (Fraser, 2024, p. 123, grifo da autora). Fraser (2024) argumenta que a crescente consciência pública aponta para a possibilidade de rastrear os problemas heterogêneos que motivam essa *crise geral* até uma raiz comum: o capitalismo. Neste sentido, reformas superficiais, que não abordem as bases estruturais dessa *crise geral* estão destinadas ao fracasso. O capitalismo canibal é, portanto, o sistema responsável pela crise atual, cujos efeitos incluem o endividamento devastador, a precarização dos meios de vida, o colapso dos serviços essenciais e das infraestruturas, o endurecimento das fronteiras, a violência racializada, as pandemias e os eventos climáticos extremos.

O conceito de capitalismo canibal proposto “nos convida a ver a sociedade como um grande banquete institucionalizado, onde o prato principal somos nós” (Fraser, 2024, p. 16). Nessa formulação, a autora segue a tradição do pensamento crítico inaugurada por Karl Marx e revisitada por Horkheimer no final dos anos 1930. Enquanto Marx (2013) foca na produção para desvendar os mecanismos de exploração, Fraser (2024) procura entender a acumulação capitalista como ordem social institucionalizada (Fraser; Jaeggi, 2018). Já na capa do livro, Fraser (2024) apresenta a figura da Ouroboros, a serpente que se devora, engolindo sua própria cauda e que simboliza a ideia de que o capitalismo está em um processo de autodestruição, consumindo suas próprias bases naturais, políticas e sociais. Essa representação visual sugere que o sistema capitalista, ao buscar incessantemente a acumulação de riqueza, está pronto para sacrificar os próprios fundamentos que sustentam a sociedade, levando à degradação ambiental, ao esfacelamento das estruturas políticas e ao colapso social.

No primeiro capítulo⁵, *Onívoro: por que precisamos ampliar nossa concepção de capitalismo*, Fraser (2024) destaca que os argumentos ali apresentados foram amplamente debatidos com Jaeggi, sendo parte dessas discussões registradas em sua obra de 2018. Nesse contexto, os autores concebem o capitalismo como uma ordem social institucionalizada, ampliando sua compreensão para além de uma estrutura meramente econômica. Para Fraser e Jaeggi (2018), esta definição permite superar a lacuna teórico-social da dicotomia entre *sistema x mundo de vida*. Fraser (2024) discorre que o atual debate sobre o capitalismo é, em grande parte, retórico. A discussão, muitas vezes, se limita a expressar o desejo de uma crítica sistêmica, sem oferecer uma contribuição substantiva para essa análise.

5 Preliminarmente apresentado como palestra no programa *Diane Middlebrook and Carl Djerassi Lectures*, na Universidade de Cambridge, em fevereiro de 2014. Posteriormente, foi publicado na edição 86 da *New Left Review*, no mesmo ano, sob o título *Behind Marx's Hidden Abode: For an Expanded Conception of Capitalism*.

A autora destaca que, após décadas de “amnésia social”, gerações inteiras de jovens ativistas e estudiosos se tornaram habilitados em análises de discurso, mas permanecem ignorantes em relação às tradições da *Kapitalkritik*⁶. Fraser propõe inicialmente examinar Marx e, em seguida, ir além de sua obra com o intuito de esclarecer questões fundamentais e antigas: o que é, de fato, o capitalismo e como devemos conceituá-lo? *Sistema econômico, forma de vida ética ou uma ordem social institucionalizada*? Além disso, como caracterizar suas “tendências à crise” e em que esferas essas crises devem ser localizadas? (Fraser, 2024, p. 21). Nessa perspectiva, a autora propõe uma revisão da concepção marxista do capitalismo ao introduzir o conceito de “capitalismo canibal” como uma forma de preencher as lacunas deixadas por Marx em sua análise.

O ponto de partida é o Livro 1 de *O Capital* que, embora rico em recursos conceituais, falha em incorporar questões de gênero, raça, ecológicas e pós-coloniais como elementos estruturantes da desigualdade nas sociedades capitalistas. A crítica de Fraser (2024) parte de quatro definições econômicas centrais para a compreensão do capitalismo a partir de uma visão ortodoxa marxista, sendo elas: (i) a propriedade privada dos meios de produção, (ii) o livre mercado de trabalho, (iii) a acumulação de capital e (iv) o papel dos mercados na economia capitalista. O capitalismo canibal não se limita à exploração do trabalho assalariado, mas expropria de forma contínua a riqueza, consumindo recursos humanos, naturais, políticos e sociais que sustentam suas condições de existência. Nesse sentido, definir o capitalismo como um sistema meramente econômico é reducionista. Por isso, é necessária a compreensão do capitalismo como uma ordem social mais ampla, intrinsecamente conectada a domínios como a reprodução social, a ecologia, o poder político e a expropriação racializada (Fraser, 2024).

Fraser (2024) apresenta uma crítica à concepção de Georg Lukács sobre o capitalismo como uma forma reificada de vida ética, na qual a mercantilização e a monetarização atravessam todas as esferas da existência social. Além disso, questiona a formulação de Lukács (2003) ao sustentar que a forma-mercadoria exerce um domínio totalizante sobre instituições como o direito, a ciência, a arte e a cultura. Em contraposição, Fraser argumenta que a mercantilização no capitalismo não se manifesta de maneira universal, mas se restringe a esferas específicas da vida social, indicando uma estrutura mais diferenciada e seletiva dos processos de comercialização. Em vez disso, o sistema capitalista depende da exploração de zonas não mercantilizadas, que são sistematicamente apropriadas pelo capital para sua sustentação. Essas áreas, sejam sociais, ecológicas ou políticas, possuem gramáticas ontológicas e normativas específicas, que operam fora da lógica da mercadoria e, portanto, não são completamente subsumidas à lógica capitalista. A partir dessa visão, ela sugere que há uma relativa autonomia dessas esferas. Essa autonomia pode ser interpretada como uma potencial forma de resistência ao processo de mercantilização, na medida em que essas áreas não seguem integralmente a lógica da mercadoria, mantendo características e valores próprios que se opõem à lógica capitalista de exploração e acumulação.

Goela abaixo: por que o capitalismo é estruturalmente racista, o segundo capítulo⁷, mergulha na intersecção histórica e estrutural entre o capitalismo e o racismo, um tema central para compreender o

⁶ *Kapitalkritik* é um termo alemão utilizado por Fraser (2024) que significa “crítica ao capital”. Ele é frequentemente utilizado no contexto da teoria crítica marxista para se referir à análise sistemática das estruturas, dinâmicas e consequências do capitalismo. A *Kapitalkritik* envolve o estudo das relações de produção, exploração e acumulação de capital, bem como das formas como essas relações moldam as sociedades, as economias e as vidas das pessoas (Marx, 2013).

⁷ A primeira versão deste capítulo foi apresentada como discurso presidencial no 114º *Eastern Division meeting of the American Philosophical Association*, em 2018. Foi publicado, no mesmo ano, em *Proceedings and Addresses of the American Philosophical Association* (v. 92), como *Is Capitalism Necessarily Racist?*

capitalismo canibal em sua totalidade. A autora aponta que o capitalismo, em todas as suas encarnações, desde o período das *plantations* escravistas até o capitalismo financeirizado contemporâneo, sempre esteve profundamente entrelaçado com a opressão racial. Fraser (2024) argumenta que há uma base estrutural para a interdependência contínua entre o sistema capitalista e a opressão racial. Essa base se apoia na dependência do sistema em dois processos analiticamente distintos, mas interconectados na prática da acumulação de capital: a exploração e a expropriação. A separação desses dois processos e sua atribuição a diferentes populações é o que sustenta a opressão racial no capitalismo. Enquanto a exploração se refere à extração de mais-valor no trabalho assalariado, a expropriação envolve a apropriação forçada de recursos e mão de obra, muitas vezes alocada a grupos racializados, reforçando as desigualdades raciais dentro do sistema capitalista.

A autora contextualiza sua análise ao longo dos diferentes regimes de acumulação capitalista, desde o capitalismo mercantil até o capitalismo financeirizado contemporâneo. Em cada fase, é demonstrado como o processo de racialização foi continuamente moldado e reforçado pela lógica da acumulação de capital, sendo a expropriação racializada uma condição necessária para a exploração capitalista. No regime atual de capitalismo financeirizado, Fraser (2024) argumenta que as fronteiras entre expropriação e exploração estão se tornando cada vez mais difusas. No entanto, a opressão racial não desapareceu; ela se adapta e persiste, manifestando-se sob novas formas. E, embora o capitalismo contemporâneo tenha diluído as fronteiras tradicionais entre expropriação e exploração, a opressão racial continua a ser uma realidade estrutural.

“Enquanto o capital se alimenta da riqueza de populações racializadas ele é também um devorador de cuidados” (Fraser, 2024, p. 73). A partir da interseção de opressão racial e trabalho de cuidados é sustentada a crítica do terceiro capítulo⁸: *Devorador de cuidados: por que a reprodução social é um grande campo da crise capitalista*. Neste capítulo, Fraser explora as crises do cuidado e da reprodução social como componentes fundamentais das crises mais amplas do capitalismo. Ela amplia a compreensão das crises capitalistas ao incluir, além das esferas puramente econômicas, dimensões sociais e reprodutivas. A autora salienta que o capitalismo necessita de recursos não econômicos para sua manutenção, dentre eles a reprodução social e o cuidado, que, inclusive, encontra-se em situação crítica de crise.

A crise do cuidado e da reprodução social, em linhas gerais, é expressa na pobreza de tempo e na escassez da disponibilidade em exercer o trabalho de cuidado e de reprodução social. As fontes e energias de cuidado são devoradas pelo capitalismo, na medida em que, historicamente, relegam as atividades de cuidado e de reprodução social às mulheres e, pela dinâmica do capitalismo financeiro, se exige cada vez mais a participação destas no mercado de trabalho, o que, por sua vez, ocasiona jornadas duplas ou triplas de trabalho. As fontes de reprodução social não inesgotáveis e o cansaço em desempenhar o trabalho (não pago) de cuidado e de reprodução é o que sustenta, em diversas frentes, o capitalismo.

As atividades de cuidado e de reprodução repõem seres humanos e força de trabalho mercantilizada. Sem esse trabalho (social e historicamente denegado pelo capitalismo), não haveria produção (Fraser, 2024). A produção é dependente da execução da reprodução social, que repõe a força de trabalho necessária para que a produção aconteça. O fator canibal e de crise no aspecto do cuidado e de reprodução social é que ao denegá-los, tomar suas fontes como inesgotáveis, fazer com que as pessoas que são

⁸ Apresentado pela primeira vez na 38ª Palestra Anual Marc Bloch da École des hautes études en sciences sociales, em Paris, 2016, sendo publicado na *New Left Review* (ed. 100, 2016).

socialmente designadas (mulheres, em sua maioria racializadas e imigrantes) às tarefas de cuidado trabalhem duplas e triplas jornadas sem remuneração e valorização, o oposto acontece: devora-se sua “fonte de energia”, constrói-se um contexto de crise onde o trabalho de cuidado e de reprodução social - que sustenta a produção - é ameaçado.

Afinal, “o capitalismo universaliza a precariedade e explora e expropria quase todo mundo ao mesmo tempo” (Fraser, 2024, p. 66), não exclui dessa lógica nem mesmo o meio ambiente. Essa dinâmica capitalista se estende para além das relações humanas, e atinge também os recursos naturais, que são sistematicamente expropriados e tratados como inesgotáveis. A precariedade, portanto, é uma condição estrutural que permeia tanto as relações de trabalho quanto a exploração ambiental, resultando em um processo de destruição contínua e aprofundamento das crises sociais e ecológicas.

Nesta edição, o quarto capítulo⁹ é denominado *Natureza no bucho: por que a ecopolítica deve ser transambiental e anticapitalista*. Nesse contexto, Fraser (2024) argumenta que a devastação ecológica não é exclusiva do capitalismo, mas o que distingue o sistema capitalista é a relação estrutural entre a crise ecológica e a forma como a sociedade capitalista se organiza. Nas sociedades pré-capitalistas, as crises ambientais ocorreram principalmente devido à falta de conhecimento sobre os impactos ambientais, como a incapacidade de prever os efeitos do desmatamento. No entanto, no contexto capitalista, essa relação é intrínseca e sistemática, e ocorre independentemente de cosmovisões “favoráveis à natureza”. Afinal, na concepção do pensamento moderno ocidental, o território é interpretado segundo uma perspectiva mercantilista, na qual porções de terra são passíveis de expropriação e apropriação para fomentar a expansão e redefinição do capitalismo (Fraser; Jaeggi, 2018).

No quinto capítulo¹⁰, Fraser reflete sobre a crise democrática, considerada por ela como inquestionável. No entanto, assim como em outras crises, Fraser evita isolá-la. Ela argumenta que a crise das democracias está interligada com outras crises estruturais, como as crises da reprodução social, ecológica e econômica. Além disso, Fraser se distancia das compreensões das crises democráticas como sendo apenas expressões de crises políticas que podem ser solucionadas apenas a partir da restauração da civilidade e da institucionalidade; se afasta, portanto, do politicismo – ideia de que as crises políticas só podem ser explicadas por fatores também políticos e diz “não se engane: a atual crise da democracia está firmemente ancorada na matriz social” (Fraser, 2024, p. 136).

Para Fraser (2024), a crise da democracia está profundamente relacionada ao conceito de totalidade social, que ela associa ao neoliberalismo. Em sua análise, o neoliberalismo fortalece o poder de decisão das grandes corporações, ao mesmo tempo em que enfraquece os governos e, consequentemente, as democracias. O processo deliberativo foi cooptado pelas grandes corporações, que assumem um papel central nas decisões políticas e econômicas. Fraser argumenta que essa forma de crise democrática, impulsionada pelo neoliberalismo, não é a primeira crise política dentro do capitalismo e, certamente, não será a última enquanto o sistema capitalista prevalecer. A autora também ressalta que, além do neoliberalismo, o próprio capitalismo é inerentemente hostil à democracia, ao perpetuar crises de legitimidade e representatividade no sistema político.

9 Apresentado inicialmente em Viena em 2021, durante a aula inaugural da primeira edição do programa *Karl Polanyi Visiting Professorship*, foi intitulado *Incinerating Nature: Why Global Warming is Baked into Capitalist Society*. Sua versão revisada foi publicada na *New Left Review* (edição 127, 2021) sob o título *Climates of Capital: For a Trans-environmental Eco-socialism*.

10 Intitulado “*Abatendo a democracia: por que a crise política é a carne vermelha do capital*”, foi publicado originalmente na *Critical Historical Studies* (v. 2, 2015) com o título *Legitimation Crisis? On the Political Contradictions of Financialized Capitalism*. Posteriormente, essa versão foi traduzida para o alemão e lançada pela Suhrkamp Verlag em 2019 no livro “*Was stimmt nicht mit der Demokratie?*”.

A busca pelo lucro e acumulação do capital ameaça a manutenção dos poderes públicos, de quem a acumulação capitalista depende, ou seja, mais uma vez, o capitalismo é seu próprio algoz e denega os seus elementos constitutivos. A acumulação é impensada em sociedades onde não haja marcos legais e estruturas políticas que garantam a iniciativa privada e a troca mercadológica. São os Estados que, sob um véu despolitizado, criam as condições políticas necessárias à atuação do capitalismo. No entanto, a dependência do capitalismo não é apenas estatal territorial, é também geopolítica, transnacional, na medida em que acordos entre países precisam ser estabelecidos para que se crie cenários favoráveis à sua expansão.

A contradição e a crise se instauram na suposta separação entre economia e política, quando se retira poder de decisões do campo da política e delega ao mercado que, ao criar esse abismo, impõe limitações severas ao poder político. Questões sociais, portanto, estariam fora do escopo das decisões políticas, democráticas e coletivas. Esta contradição é denominada por Fraser como lutas de fronteira, termo que também se aplica à crise da democracia. É na incapacidade e na fraqueza da esfera e do campo político em decidir sobre demandas e questões sociais que se materializa a crise da democracia e da política. Se a democracia é a capacidade de deliberar, de decidir o que fazer com nossos recursos, com nossos excedentes, com a natureza e sociedade, o capitalismo e neoliberalismo são antidemocráticos, tendo em vista que repelem esses poderes de decisão e restringem ao mercado e às corporações.

De maneira geral, o conceito de lutas de fronteira, definido em 2018 por Fraser e Jaeggi, permeia toda a formulação teórica de Capitalismo Canibal e é uma categoria que se propõe a atualizar a noção de luta de classes de Marx. As lutas de fronteira referem-se às disputas sobre como as sociedades capitalistas estabelecem e redefinem as divisões institucionais entre diferentes esferas, como produção e reprodução, economia e política, natureza humana e não humana, exploração e expropriação. Essas fronteiras não são fixas, mas historicamente variáveis, de acordo com o regime de acumulação vigente. Cada fase do capitalismo, seja mercantil, colonial liberal, monopolista administrado pelo Estado ou neoliberal globalizante, define essas fronteiras de maneiras distintas. Essas lutas são essenciais para entender as contradições internas do capitalismo, uma vez que a contínua redefinição dessas divisões revela as tensões entre a lógica do capital e as esferas que ele tenta subsumir (Fraser; Jaeggi, 2018; Fraser, 2024).

No sexto capítulo, *Nutrindo a reflexão: que sentido deve ter o socialismo no século XXI?*, Fraser (2024) analisa a necessidade de um sistema alternativo ao capitalismo, argumentando que esse modelo deve se basear em processos deliberativos e decisórios que priorizem a sociedade e a política, em vez de subordinar as questões sociais à lógica de mercado. A autora inicia sua reflexão destacando o retorno do capitalismo como tema central no debate contemporâneo e encerra com uma análise sobre o socialismo, ressaltando seu ressurgimento no meio acadêmico. Anteriormente associado ao fracasso e ao atraso, o socialismo passa a ser debatido com menor estigmatização, atraindo um número crescente de defensores que o veem como uma alternativa viável ao modelo capitalista. Fraser propõe uma ampliação desse conceito, superando a visão tradicional do socialismo como mera socialização dos meios de produção. Em sua perspectiva, a transformação das relações de produção deve ir além da eliminação do trabalho assalariado, abrangendo também a superação da exploração do trabalho de cuidado, a reestruturação dos poderes públicos, o fim da expropriação de riquezas de povos historicamente subjugados e racializados, além da ruptura com a exploração predatória da natureza.

Para Fraser, é fundamental redefinir o conceito de socialismo, concebendo-o como uma ordem social institucionalizada tão abrangente quanto o capitalismo. Para que um socialismo do século XXI seja viável, ele deve se distinguir das experiências históricas do comunismo soviético e da social-democracia, apresentando-se como uma alternativa capaz de superar as limitações desses modelos. Longe de ser apenas um ideal utópico, o socialismo é caracterizado por sua capacidade real de promover liberdade, bem-estar e felicidade humana, elementos que o capitalismo não consegue garantir de forma estrutural. Nesse sentido, Fraser posiciona o socialismo como uma solução para as injustiças e formas de dominação inerentes ao capitalismo, dado que os problemas enraizados nesse sistema não podem ser corrigidos sem uma transformação profunda. Para embasar essa proposta, a autora parte de um questionamento central: o que é o capitalismo e quais são suas falhas estruturais? A partir dessa análise crítica, Fraser busca compreender os limites do sistema vigente e fundamentar a necessidade de um modelo alternativo que supere suas contradições.

A compreensão do capitalismo como uma ordem social institucionalizada é possível a partir de condições não econômicas, pilares para a economia capitalista. (i) Expropriação de terras, riquezas, trabalho e recursos naturais de povos considerados racialmente inferiores. (ii) O trabalho de reprodução social não remunerado, realizado majoritariamente por mulheres, é responsável pela manutenção da vida reprodutiva. Uma vez que, a sua não realização tornaria impossível a existência de trabalhadores, da força de trabalho, do tempo de trabalho, da exploração do mais-valor, do lucro e da acumulação de capital. (iii) Os recursos naturais que abastecem a produção capitalista, matérias primas transformadas pelo trabalho, na forma de energia para as máquinas e alimentos para os corpos. O capital lida com a natureza como um recurso infinito para a extração na forma de terras agricultáveis, ar puro e água potável. (iv) O Estado e os poderes públicos disponibilizam um conjunto de bens, como ordens judiciais, forças repressivas, infraestruturas e recursos monetários, que atuam no enfrentamento de crises e contribuem para a sustentação do capitalismo.

O capitalismo é ainda uma forma de organização social na qual as atividades e relações econômicas são separadas de outras esferas não econômicas, embora dependam delas para funcionar, mesmo que essas dependências sejam negadas. Ao questionar o que está errado com o capitalismo, Fraser aponta três principais problemas, conforme uma visão crítica limitada: (i) a injustiça decorrente da exploração da classe trabalhadora; (ii) a irracionalidade do sistema, orientada pela acumulação ilimitada de mais-valor, o que o torna suscetível a crises econômicas recorrentes; e (iii) a falta de liberdade, disfarçada por uma promessa ilusória de democracia, revelada nas desigualdades sociais e no poder concentrado nas mãos das elites econômicas, que controlam os trabalhadores (Fraser, 2024).

Embora Fraser não discorde desses elementos, ela os considera incompletos e propõe a conceituação de capitalismo canibal. Essa perspectiva enfatiza as relações entre a economia capitalista e suas condições não econômicas. Fraser exemplifica essa interdependência ao destacar a divisão entre a produção econômica, onde o tempo de trabalho é remunerado, e a reprodução social, cujo trabalho não é remunerado devido à naturalização dos afetos. Ela também menciona outras formas de dominação presentes nas sociedades capitalistas, como a subjugação das mulheres, as desigualdades de gênero e a imposição da heteronormatividade. De modo semelhante, ocorrem divisões entre trabalhadores e trabalhadoras, além de uma separação entre a natureza humana e não humana, esta última sendo sujeita à brutalidade do extrativismo que afeta tanto os animais quanto os ecossistemas.

Para reimaginar o socialismo, é necessário não apenas corrigir as injustiças relacionadas à organização da produção econômica, mas também integrá-las a outras formas de opressão, como as discutidas anteriormente. Fraser adverte que uma concepção ampliada do socialismo permite identificar tendências contemporâneas, como a crise do cuidado, a crise ecológica, a deterioração da qualidade de vida devido à redução de investimentos públicos, o aumento das jornadas de trabalho, a financeirização do capitalismo, o poder disciplinador das megacorporações sobre os Estados e as crises de governança. Para Fraser, o socialismo do século XXI deve transcender a simples correção dos males do capitalismo. Ele deve superar a dominação de classe, as desigualdades de gênero, o imperialismo, o racismo e todas as formas de dominação política. O socialismo precisa expandir a democracia, não apenas no processo decisório, mas também na definição de seus próprios princípios. Esse projeto exige esforços conjuntos de intelectuais e militantes, combinando a luta social com o pensamento programático.

Fraser reconhece as incertezas na formulação de um socialismo para o século XXI e admite que algumas de suas perspectivas ainda são preliminares. No entanto, propõe uma reflexão sobre a superação do economicismo e a relevância do socialismo para enfrentar desafios contemporâneos, como a crise da reprodução social, o racismo, o imperialismo, a ausência de democracia e o aquecimento global. A autora sustenta que o socialismo é uma alternativa viável para substituir um sistema que degrada o planeta e ameaça o bem-estar e a liberdade.

No epílogo, “Macrófago: por que a Covid é uma orgia capitalista canibal”, Fraser argumenta que crises são inerentes ao capitalismo, e a pandemia de Covid-19 evidenciou suas contradições, expondo a exploração da natureza, do trabalho de cuidado e das populações marginalizadas. A crise sanitária revelou a irracionalidade do sistema, a apropriação de recursos públicos e o aprofundamento das desigualdades. Ao longo da obra, Fraser provoca questionamentos fundamentais: como superar esse capitalismo canibal? Como aproximar o socialismo das esferas ocultas que sustentam o sistema? Como desmascarar a ideologia dominante que normaliza autoritarismo, racismo, exploração do trabalho e destruição ambiental

REFERÊNCIAS

FRASER, Nancy. *Capitalismo Canibal: Como nosso sistema está devorando a democracia, o cuidado e o planeta e o que podemos fazer a respeito disso*. São Paulo: Autonomia Literária, 2024.

FRASER, Nancy; JAEGLI, Rahel. *Capitalism: A Conversation in Critical Theory*. Cambridge: Polity Press, 2018.

LUKÁCS, György. A reificação e a consciência do proletariado. In: LUKÁCS, György. *História e Consciência de Classe: Estudos sobre a dialética marxista*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 257-540.

MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política, Livro I: O processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo, 2013.